

# PALEOLÍTICO DA SERRA DE SICÓ

por

Thierry Aubry e Maria Helena Moura

**Resumo:** O vale do Poio Novo, como outros pequenos vales que lhe são paralelos, constitui um meio privilegiado de ligação entre as planícies aluviais e litoral e a Serra de Sicó. Trata-se de um vale rico em grutas. O início das escavações em duas destas cavidades permitiu a identificação de sequências estratigráficas com características sedimentológicas que variam em função da evolução das duas redes cársticas.

A Buraca Escura, exposta a norte, foi ocupada alternadamente pelo homem e por carnívoros. Fornece raros vestígios líticos, e fauna em grande abundância, tanto nos níveis do Paleolítico médio como do superior.

A Buraca Grande, situada na vertente, oferece boas condições de *habitat* e acesso e revelou diferentes níveis de ocupação ao longo do Paleolítico superior. Destes, um nível solutrense é particularmente rico em artefactos líticos e no que diz respeito ao sílex de origem local, estando presentes todas as fases da cadeia tecnológica do Solutrense inicial. Outros níveis não puderam, ainda, ser caracterizados, desconhecendo-se actualmente a proveniência estratigráfica de um fragmento de plaquinha de xisto, gravada com motivos figurativos típicos do Paleolítico, encontrada na camada superficial, remexida.

**Palavras-chave:** Paleolítico. Poio Novo. Redinha.

A Serra de Sicó faz parte de um relevo montanhoso calcário, que se integra num conjunto mais vasto e que são as Serras de Condeixa (Avesada, S. Domingos e Ponte), Rabaçal e Alvaiázere, constituindo uma unidade geomorfológica (CUNHA, L.J. S. 1988). É este o limite N. da Estremadura Portuguesa.

É na Serra de Sicó que tem origem a rede hidrográfica que define a margem S. do Baixo Mondego, território onde os AA. desenvolvem um projecto de Carta Arqueológica, que visa a prospecção sistemática e as escavações de emergência que se justifiquem.

## PROSPECÇÕES

Foi no âmbito deste projecto que em 1990 iniciámos as prospecções, na freguesia da Redinha (Pombal), em torno de um Outeiro que fora reflorestado e

onde sete jazidas arqueológicas, do Paleolítico e da Pré-História Recente, foram profundamente afectadas pelas lavras mecânicas.

As prospecções alargaram-se depois, perdendo então o carácter sistemático, à zona de escarpa de falha da S.<sup>a</sup> da Estrela, ao Vale do Poio Novo, ao Vale do Poio Velho, e à nascente do Ourão, (AUBRY, T.; MOURA, M. H. 1990). De então para cá alguns sítios novos têm sido acrescentados aos reconhecidos em 1990.

Assim, foram cartografadas várias jazidas com objectos líticos, que podemos classificar como sendo do Paleolítico Antigo e Médio, períodos de que se não conheciam vestígios alguns, na margem S. do Baixo Mondego. Enquanto que no Outeiro de Já Vou temos dados que nos permitem identificar sítios de *habitat* (Est. I, fig. 1, nº 10, 11 e 12), no Alvito e Vale de Sorza, devemos, além de *habitats* considerar a existência de oficinas de talhe (Est. I, fig. 1, nº 4, 5 e 3 respectivamente). Aqui abundam nódulos de sílex, de razoável aptidão para o talhe, (resultando esta informação do talhe experimental levado a cabo por um de nós, T. A.).

Do Paleolítico superior, de que se conheciam já, os vestígios da Gruta do Ourão, (RIBEIRO, 1982), foram identificadas estações de ar livre com indústria atribuível a uma fase avançada do Paleolítico superior, (Est. I, fig. 1, nº 1) ou ainda não caracterizada (nº4), bem como várias outras de gruta, no Vale do Poio Novo: as Buracas Escura, Grande e da Cortiça, (respectivamente nº 9 e 8 da Est. I, fig. 1). Em 1991, em codirecção dos AA. e de J. Zilhão, realizaram-se sondagens, em duas delas (Buraca Escura e Buraca Grande), trabalhos estes a que se daria continuidade nos anos seguintes e que possibilitam a apresentação de novos dados arqueológicos e crono-estratigráficos.

## BURACA ESCURA

A cavidade denominada Buraca Escura situa-se no Vale do Poio Novo, freguesia de Redinha. Esta pequena gruta (*vide* apresentação e descrição estratigráfica em AUBRY, MOURA, s.d.), exposta a Norte, parece ter sido um local de ocupações de curta duração, provavelmente acampamentos de caça. A raridade dos vestígios líticos (apenas artefactos acabados) opõe-se a abundância de restos de fauna, tendo esta sido acumulada pelo Homem e por carnívoros. Estes deixaram traços nos ossos dos animais suas presas e coprólitos, além dos seus próprios restos.

Apesar de só ainda ter sido escavada parte da cavidade parece já possível descrever uma sequência sedimentológica representativa dos fenómenos registados na Buraca Escura (*vide* Est. I Fig. 1).

Assim, o conjunto 4, o mais profundo dos já identificados, caracterizado pela sucessão alternada de lentilhas argilosas e areias grosseiras, é estéril do ponto de vista arqueológico, mas forneceu alguns restos de lagomorfo e parece ter-se depositado anteriormente á abertura da cavidade ao exterior, quando ela constituia, apenas uma parte da rede de galerias carsicas.

O conjunto 3, onde foram reconhecidos 6 níveis de ocupação humana (Est. 2, fig. 1., estratos identificados com os números: 4 a 9), caracteriza-se por apresentar uma matriz argilo-arenosa de cor avermelhada. Os artefactos aqui exumados são atribuíveis ao paleolítico médio, registando-se um muito reduzido número de utensílios em sílex, sendo a maioria dos objectos em quartzo leitoso (Est. III, fig.1). Os restos de fauna, muito abundantes, são o testemunho de variadas espécies que povoavam a área: a cabra montês, a camurça, o auroque, o cavalo, o coelho entre outros, encontram-se largamente representados. A presença de carnívoros, lince e hiena, pelo menos, atestada pelos próprios restos osteológicos e por coprólitos, levanta o problema da interpretação da fauna aqui acumulada e da importância respectiva dos animais predadores e do Homem, cuja presença é indubitável. Só um estudo faunístico numa perspectiva arqueo-zoológica poderá destringir os traços de acções antrópicas, dos vestígios deixados pelas unhas, garras e dentes atribuíveis aos carnívoros, trabalho já iniciado por J. L. Cardoso.

No nível arqueológico 6 (NA 6) foi identificada uma "lareira", tipo de estrutura raramente registada em níveis desta época em toda a Europa. Esta foi exumada em 1992, no quadrado D 11, quadrado afectado por uma alteração química destruidora de parte da estrutura de combustão: os vestígios osteológicos e os carvões foram atacados a ponto de nada restar que nos indique a sua presença. Este fenómeno parece circunscrever-se a parte da área E. do corredor de acesso, ao longo da bancada que ocupa parcialmente os quadrados das bandas B e C, 7, 8, 9, 10 e 11, (Est. II, fig. 3) onde vários níveis arqueológicos sofreram alteração, numa espessura superior a um metro. Logo que foram detectados os primeiros carvões, com dimensões de 1 a 2 mm, adoptou-se um método de decapagem mais minucioso do que aquele habitualmente praticado, deixando-se *in situ* todo e qualquer vestígio, lítico (incluindo-se aqui aqueles cuja presença na Buraca Escura não é antrópica), ósseo ou antracológico independentemente das suas dimensões, e os sedimentos exumados, removidos da gruta a fim de serem crivados a água.

Os carvões, que tinham tamanhos variando entre uns escassos milímetros e os dois centímetros, desenhavam uma mancha cujas dimensões originais não podemos reconstituir com precisão, e cuja espessura atingia os 5mm (Est. II, Fig.2). Raros elementos calcários, de dimensões muito reduzidas, e apresentando a superfície rubefacta, foram encontrados no interior desta mancha de carvão, que continha, ainda, pequenas bolinhas de argila cozida e fragmentos de ossos apresentando vestígios de contacto com o fogo, bem como dois desperdícios de talhe de

quartzo, medindo menos de um centímetro. Alguns blocos de calcário parecem dispor-se em torno da mancha negra definida pelos carvões, registando-se uma concentração nítida e sem paralelo em qualquer outra situação nesta cavidade, a N. da referida área de carvões. Estes blocos de calcário, á semelhança do que acontece com inúmeros outros e mesmo com os restos de fauna, encontram-se envolvidos por uma concreção metálica, maioritariamente composta por Fe<sup>1</sup>, que impede a vizualização de eventuais vestígios do contacto com o fogo, que se traduzem, por emprestar tons rosa ou avermelhados ao calcário. No seio destas pedras, foram exumados alguns restos osteológicos. Não nos foi dado observar traços de rubfacção sob a mancha de carvões, o que levanta o problema de se interpretar este espaço como sendo o coincidente com aquele em que o fogo teve lugar. A natureza, compacta, deste sedimento da camada 3, bem como a sua cor, vermelha-acastanhada, impedem a observação do fenómeno de rubefacção. Imediatamente sob esta mancha de carvão surgiram placas de areia concrecionada, correspondendo, provavelmente, a uma circulação de águas carregadas de carbonato de cálcio.

Da fauna exumada na lareira, ou na área envolvente, fazem parte esquirolas indetermináveis, provenientes de ossos de grandes mamíferos, rara micro-fauna, uma falange e um astrágalo de *Capra pyrenaica*, bem como um incisivo de um jovem *Equus caballus*.

De salientar, ainda, a ausência de restos atribuíveis aos carnívoros, presentes em diversos níveis deste conjunto 3. Um coprólito de hiena viria a ser achado no quadrado contíguo (D 12), a um nível inferior em 5 centímetros ao da base da lareira.

Neste momento, e não tendo sido dado início à análise detalhada desta estrutura, parece-nos lícito avançar três hipóteses interpretativas:

- a fogueira teria sido acesa no local hoje delimitado pela mancha dos carvões, servindo as pedras concentradas a N. como estrutura adventícia;
- a fogueira teria sido acesa sobre aqueles blocos de calcário - entrando assim na categoria das lareiras sobre-elevadas - e os carvões depositaram-se a S. por acção erosiva das águas infiltradas na gruta;
- a fogueira teria sido acesa sobre os blocos de calcário e os carvões deliberadamente removidos da área de combustão a fim de a libertar do lixo (ossos e carvões em excesso) que dificulta a sua reutilização. Os carvões desenhavam, assim, a área de despejo, adjacente à estrutura de combustão.

---

<sup>1</sup>Provém esta informação da análise que foi feita à crusta metálica que frequentemente envolve os blocos e impregna os ossos, nesta cavidade. Agradecemos este esclarecimento ao Professor Doutor António F. Soares, Director do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, onde se procedeu à referida análise.

Qualquer uma destas hipóteses tem paralelos em evidências arqueológicas (*vide* PERLÈS, 1976) o que lhes confere um carácter plausível; porém, aguardamos os resultados de uma análise de pormenor que conforte uma destas hipóteses em detrimento das outras<sup>2</sup>. Espera-se actualmente o resultado da datação, por C 14, desta estrutura.

O que acima foi dito relativamente à dupla origem dos restos de fauna na Buraca Escura, (origens antrópica e animal) é igualmente válido para os vestígios osteológicos exumados no **conjunto 2**, onde parece lícito destringer dois níveis de ocupação atribuíveis ao paleolítico superior.

Também aqui se verifica a desproporção supra-mencionada, entre os restos de fauna e os objectos líticos. Os artefactos até agora exumados (Est. III, Fig.3) correspondem principalmente a armaduras (lamelas de dorso abatido) no N A 3, a peças esquiroladas em quartzo e a pontas denticuladas no N A 2 (Est. III, fig. 2). O primeiro destes níveis arqueológicos parece poder atribuir-se ao gravettense, enquanto que o segundo, provavelmente corresponde já à transição gravettense-solutrense (*vide* ZILHÃO *et alii* neste Congresso). Aguardam-se, no entanto, os resultados das datações em curso, pois ambos os níveis forneceram carvões, nunca se tendo encontrado qualquer estrutura ou superfície de combustão.

O sedimento deste conjunto 2 é constituído por uma matriz de elevado teor em argila, sendo abundantes as placas e os blocos de calcário.

No **conjunto 1**, foram identificados alguns vestígios arqueológicos raros, e muito fragmentados. São constituídos por diversos fragmentos de vasos de cerâmica não torneada, lisa, bem como por duas lascas de machado de pedra polida, uma lâmina fragmentada e um outro fragmento de lasca, em sílex. O diminuto número de artefactos impede-nos de caracterizar esta ocupação da cavidade que se reporta à Pré-história recente.

Este conjunto sedimentar é de formação muito recente, pois nele encontramos plásticos, restos de lareiras actuais, e alguma cerâmica torneada no mesmo contexto dos carvões nossos contemporâneos. Caracteriza-se por uma matriz pulverulenta, com grande percentagem de matéria orgânica, de fraca consistência e cor castanha muito escura.

Entre este conjunto e o que lhe subjaz verifica-se uma fase erosiva que afectou de forma diversa os níveis arqueológicos. Talvez ela seja responsável pelo estado vestigial da ocupação mais recente da Pré-história, em quase toda a área superficial da Buraca Escura. À entrada da gruta, a erosão foi de tal forma violenta que o conjunto 2 não está sequer representado assentando a camada

---

<sup>2</sup> A bibliografia disponível sobre este assunto é escassa, devendo sobretudo ver-se as diversas comunicações das Actas do Colóquio de Nemours, em 1989, bem como alguns dos trabalhos de Catherine Perlès. Existem ainda artigos de diferentes autores dispersos por toda a bibliografia arqueológica, que nos dispensamos de enumerar aqui.

superficial directamente num dos níveis do paleolítico médio.

Entre o conjunto 2 e o que lhe subjaz tínhamos observado igualmente um fenómeno erosivo cuja amplitude não pudemos ainda avaliar devidamente.

## BURACA GRANDE

Esta cavidade situada na vertente N. do Vale do Poio Novo, está exposta a SE. Os primeiros trabalhos nesta gruta, que possui cerca de 13 metros de comprimento, permitiram a identificação de três sequências sedimentares distintas, que foram descritas de forma preliminar (AUBRY, *et alii* s/d). O reconhecimento mais conveniente da estratigrafia da parte mais recuada da cavidade só viria a ser possível após a campanha de 1993 (AUBRY, MOURA, s.d.).

A cavidade que oferece boas condições de habitat, foi ocupada pelo homem ao longo do paleolítico, da pré-história recente, da proto-história, e em épocas históricas incluindo nas mais próximas de nós, em finais do último século ou inícios deste (MOURA, AUBRY, neste Congresso).

Até meados do presente, ela foi objecto de extracção de sedimentos férteis pois, no pretérito como nos nossos dias, serve de refúgio a pastores e rebanhos. Por esta razão, grande parte das camadas mais recentes não foram conservadas e apenas sabemos da sua existência pelo achado de vários artefactos, que encontramos sem qualquer estratificação, na camada superficial. Os poucos vestígios dos eventos que tiveram lugar da proto-história até aos nossos dias, não permitem caracterizar o tipo de ocupação de que são testemunho.

Ao fundo da cavidade, zona que terá sido pouco afectada pela extracção de terras, pudemos identificar a mais completa das sequências existentes na gruta e que passamos a descrever (Est. IV, fig.1).

**O conjunto 10**, formado por uma argila plástica com muitos blocos depositou-se aquando da entrada em funcionamento de uma chaminé situada sobre os quadrados O16 e O17. Esta encontra-se actualmente rolhada por intermédio de uma brecha. A chaminé é responsável pela formação de um cone, de perfil assimétrico, podendo atingir inclinações da ordem dos 40 graus. O corte que apresentamos situa-se a N. do cone e nele vemos que todas as camadas que lhe sobrejazzem são horizontais. A constatação deste facto, não é ainda, apoiada de explicação satisfatória, aguardando-se a continuação dos trabalhos, na expectativa de melhor compreensão dos fenómenos aqui registados.

**O conjunto 9** para o qual possuímos uma datação (Gif. 9502) -  $17.850 \pm 200$  BP, forneceu uma indústria do solutrense recente. Estes dados suscitaram um confronto de resultados de datações radiométricas e respectivas posições crono-estratigráficas, de várias publicações sobre as jazidas do Solutrense Ibérico

(AUBRY, MOURA, s.d.).

Neste conjunto estratigráfico é possível identificar uma ocupação que assenta directamente na camada de argila subjacente que é considerada como sendo um proto-solutrense. Os artefactos líticos, (Est.V, fig. 1) encontram-se patinados e são idênticos aos de Vale Comprido, (*vide* ZILHÃO *et alii* neste Congresso; ZILHÃO, 1987). Pouco numerosos, os objectos aqui exumados, não permitem já descrição tipológica. Ao invés, artefactos líticos do solutrense recente que se identificaram ainda no mesmo conjunto sedimentar, podem já ser descritos (Est. V, fig. 2). Dos 80 utensílios aqui recolhidos:

- o grupo das raspadeiras conta 13 (16, 25%)
- o grupo dos buris conta 06 (7, 5%)
- o grupo solutrense conta 11 (13, 75%)
- o grupo das lâminas de dorso abatido e micrólitos conta 12 (15%)
- o grupo dos denticulados, bicos e entalhes conta 15 (18, 75%)
- o grupo dos diversos, lâminas retocadas mais raspadores conta 10 (12, 5%)
- o grupo das peças esquiroladas conta 13 (16, 25%)

Decorrem actualmente o estudo tecnológico e o do aprovisionamento e gestão da matéria prima lítica, podendo, desde já afirmar-se que foram utilizadas matérias locais (sílex, quartzito e quartzo leitoso), bem como alóctones: diversas variedades de sílex e ainda quartzo hialino. De realçar também a importância do quartzito, não tanto em termos de utensílios acabados, havendo ainda assim lascas denticuladas, mas mais como seixos brutos e como *choppers*, sendo certo que em dados absolutos (peso) esta é a matéria prima mais largamente representada nos níveis solutrenses da Buraca Grande.

Do ponto de vista da tecnologia, numa primeira análise constata-se a existência de numerosas lascas de fabricação de folhas de loureiro, que evidenciam o tratamento térmico do sílex, em peças já em fase de esboço. Notamos também que são frequentes as lascas exploradas como núcleos de lamelas, que por sua vez se destinam a ser transformadas em lamelas de dorso abatido. No sílex de origem local, os núcleos presentes mostram a debitagem de lascas pouco estandardizadas que servem de suporte a peças esquiroladas, a bicos e denticulados.

A indústria sobre chifre está igualmente bem representada, nomeadamente no que diz respeito às zagaia, constituindo estas o grupo mais numeroso e mais variado, em contexto estratigráfico claramente definido, de uma só jazida, em Portugal, (Est. VI). Na Buraca Grande, não foram, até agora exumados, restos de chifres, á excepção da extremidade de um galho de armação de veado, nem desperdícios de fabricação de utensílios feitos a partir desta matéria prima. É-nos impossível determinar com precisão se os exemplares nº 8 e 9 são confeccionados em osso ou em chifre, sendo certo que a peça nº 15 tem como suporte um dente de javali.

Da totalidade das peças apresentadas na estampa 4, note-se que nem todas são provenientes dos níveis paleolíticos, e que nem todas podem ser integradas na categoria das zagaias. Assim as numeradas de 10, 12 e 14, foram encontradas remexidas em níveis superiores, apresentando esta última uma fossilização diferente, o que talvez autorise a sua atribuição ao nível arqueológico NA 4 b, ou a um outro mais recente. Tanto a nº 8 como a nº 15 parecem-nos mais objectos com características de furadores. O suporte desta última, é um incisivo de javali cuja raiz foi afeiçoada em ponta. A peça numerada de 11, é um fragmento de costela gravada com traços paralelos entre si. As restantes são de facto zagaias e foram exumadas em níveis solutrenses.

As peças numeradas de 1, 2, 4, 5, 6, 15, 13 e 11, são provenientes da parte mais recuada da cavidade enquanto que na zona mediana foram encontradas as numeradas de 3, 7, 8 e 9.

Num breve apontamento tipológico referiremos que as nossas zagaias tanto podem apresentar secção oval assimétrica, o que é o caso das peças numeradas de 2, 3, 4 e 5, como apresentar secção circular, caso das nº 1, 8, 9 e 10, ou uma ligeira variante desta: circular com facetas sendo caso único a nº 6. Os exemplares completos ou quase são de tipo biapontado. Nas zagaias nº 1, 4 e 14 observam-se estrias oblíquas numa das extremidades. Nós atribuímos-lhes um carácter funcional, ou seja o de facilitarem a boa aderência da matéria colante por intermédio da qual se fixaria o projectil na haste. Esta seria, portanto a parte basal das peças.

Os especímenes designados sob os números 4 e 5, de secção oval assimétrica, apresentam a particularidade de serem torcidas isto é, de terem as arestas descentradas. A razão de ser desta torção deve, em nosso entender, relacionar-se com a precisão da trajectória ligada à rotação do projectil.

A zagaia nº 1, que não sofreu senão uma pequena fractura da extremidade distal, apresenta bisel simples. Este tipo de zagaia aparece no solutreo-gravettense de Parpalló (VILLAVARDE; MARTI, 1984) e tem paralelos no solutrense superior e terminal da Cantábria (*vide* ainda CORCHON RODRIGUEZ, 1986).

Possuímos dois fragmentos da peça nº 2, faltando a parte mesial e ambas as extremidades. Na face aplanada desta zagaia, que nas indústrias da Cantábria, em razão da tipologia da sua secção, poderia ser classificada como varinha, observam-se 11 traços oblíquos, paralelos entre si, sendo as fracturas coincidentes com dois destes traços. Na face convexa, pequenas covinhas (15 visíveis) alinham-se em duas formações paralelas entre si, na parte central e mais espessa da peça. Dentro destas covinhas, bem como no interior dos traços descritos para a face plana, é possível observar restos de concreção que podem ser o vestígio da parte mineral dum mastique, destinado a solidarizar a zagaia à haste. Num dos flancos (o que está representado na estampa) apresenta igualmente traços oblíquos que



não tocam nos descritos para a face plana da zagaia, mas que lhe são semelhantes. Estas incisões e estas pontuações podem também ser interpretadas como motivos destinados a decorar a zagaia, admitindo-se então que os traços acima descritos não são funcionais.

Na Casa da Moura (Peniche), foi exumada uma zagaia, entre outras, que tem, algumas semelhanças com esta nossa: o facto de ter secção plano-convexa e de apresentar a face plana com traços paralelos entre si e de uma fractura seguir um dos traços, em tudo idênticos aos da nº 2 de Buraca Grande, (ROCHE, 1951).

Na ausência de peças indicadoras da técnica de extração das varinhas brutas de chifre, a tecnologia de fabricação só pode ser baseada sobre os esboços e peças acabadas abandonadas após utilização. Os nº 7, 12 e 13 são esboços e evidenciam a secção aplanada das varinhas suporte. Estas peças, que não parece terem sido afeiçoadas na gruta, podem constituir uma reserva de produtos aguardando a fase terminal de fabricação.

As técnicas de raspagem dos suportes deixam traços longitudinais, similares a traços obtidos por intermédio da utilização de flancos de buris. Sobre o exemplar nº 1, o bisel, ligeiramente côncavo, obteve-se por extração de matéria, trabalho que se terá realizado, com um instrumento de tipo goiva. As estrias da parte basal das zagaias, foram realizadas por intermédio de quaisquer bordos cortantes e são diferentes dos traços e covinhas observáveis no exemplar nº 2.

As zagaias nº 3, 4, 5 e 14 de secção plano-convexa, ou oval assimétricas, são exemplares de objectos acabados e fabricados segundo uma técnica de rápida execução que consiste na raspagem de varinhas suportes, do tipo da nº 7, previamente extraídas das hastes dos veados. Nestes casos os canalículos ficam aparentes. Alguns exemplares, nº, 1, 2, 6, 8 e 10, mostram um acabamento mais elaborado e mais perfeito das zagaias, ou revelam uma outra técnica de extração das varinhas suporte.

Os espécimes nº 1 e 5 encontram-se quase inteiros, tendo a primeira uma pequena fractura distal e a segunda uma fractura de utilização em lingueta. Outros tipos de fracturas de utilização são observáveis, nas zagaias nº 2, 3, 6, 8, 9 e 10. Em qualquer um dos casos, as zagaias conservadas na Buraca Grande, nunca conservam a extremidade distal, à excepção da que recebeu o nº 9.

No NA 5 dos quadrados J18, K17 e K19, foram recolhidos adornos, constituídos por conchas marinhas e fluviais e um canino de veado, perfurados. Em área de dispersão sensivelmente coincidente com a dos adornos e mesmo mais lata, apareceram restos humanos de pelo menos dois indivíduos, sendo um adulto e o outro uma criança. Outros vestígios osteológicos humanos foram exumados em campanhas anteriores na parte mediana da Buraca Grande (uma descrição com mais pormenores foi já feita na comunicação apresentada às Terceiras Jornadas do

Quaternário Ibérico). Estas primeiras identificações tiveram lugar antes do estudo sistemático dos restos de fauna, que é muito abundante e variada.

Nesta gruta, foram encontradas, sobretudo na última campanha, algumas vértebras de peixe e outras espécies aquáticas: conchas, cujo estudo foi entregue a P. Callapez. Os restos malacológicos indicam a frequentação do mar, de estuários e de rios.

De entre as espécies terrestres, destaque-se a extrema abundância de ossos de lagomorfo, à semelhança do que se registou na Casa da Moura, (Peniche), onde Nery Delgado terá encontrado uma situação muito comparável à nossa (DELGADO, 1867). A restante fauna, é constituída por restos de veado, cabra montês, javali e cavalo, podendo esta lista de espécies vir a ser acrescentada após os estudos paleotológicos que o J. L. Cardoso já iniciou.

O solutrense antigo, como o solutrense recente equivalentes do NA5 do corte que agora apresentamos, estão igualmente representados na parte mediana da Buraca Grande, onde se exumou uma indústria lítica com pontas de face plana e pontas de tipo Vale Comprido (*vide* ZILHÃO, *et alii*, neste Congresso). Estes níveis foram anteriormente descritos (AUBRY *et alii*, s.d). Diremos, apenas que a zona de transição entre a área mais recuada da cavidade e a sua parte mediana, parcialmente escavada, se apresenta muito remexida pelo que se não podem, neste momento, estabelecer correlações entre estas duas estratigrafias. Nesta parte intermédia da Buraca Grande, não foram identificadas lascas de fabricação de folhas de loureiro, o que nos levou a pensar estarmos em presença de uma ocupação do solutrense antigo, ideia que expressámos anteriormente, (AUBRY *et alii* s.d). Actualmente, depois da datação obtida para o conjunto estratigráfico onde estão associadas formas características do Solutrense recente e pontas de face plana, avançamos a hipótese de esta ausência se relacionar com a estruturação interna do espaço, que poderá implicar uma diferenciação rígida das áreas destinadas às várias actividades, ou a zonas de lixeira bem delimitadas. A datação, em curso, destes níveis, do quadrado M9 trará outros elementos que permitam o melhor conhecimento das ocupações solutrenses desta cavidade.

**Os conjuntos 8 e 7** são estéreis do ponto de vista arqueológico, correspondendo o primeiro à deposição de grânulos de argila e o segundo a um evento que se acompanhou da queda de blocos.

A escavação permite verificar, que foi o sedimento do nível que se sobrepõe ao **conjunto 6**, que se introduziu nos espaços vazios entre os blocos, o que explicaria que se tenham exumado alguns artefactos líticos neste contexto. A proveniência destes materiais deve, assim, atribuir-se à ocupação identificada como sendo do magdalenense, nível arqueológico NA4b, que forneceu uma indústria lítica pouco numerosa, caracterizada por uma tendência para a microlitização, com núcleos de lamelas sobre lascas, núcleos de esquirolas, segmentos (talvez

estes epicardiais) e lamelas de dorso. Além destes objectos foram aqui recuperadas cerâmicas características do Epicardial. Este facto, tem provavelmente paralelos na sequência da Gruta do Caldeirão, (ZILHÃO, 1992). Um estudo da microfauna realizado nos níveis magdalenense e cardial, desta cavidade, (POVOAS *et alii*, 1992) indica que no período que medeia entre o fim do paleolítico e o neolítico, se regista uma diminuição da velocidade de sedimentação, no interior da caverna, fenómeno que traduzirá a expansão da cobertura vegetal e consequentemente a fixação dos solos. Um hiato sedimentar, no nosso caso, deve ser responsável pela mistura de objectos da ocupação Epicardial (NA4a) com os objectos do nível inferior, que documentam a ocupação do Magdalenense.

No conjunto remexido, superficial, foi exumado, na campanha de 1992, um fragmento de plaquinha de xisto com motivos figurativos (AUBRY, MOURA, 1993). Enquanto que os dados estilísticos não levam a duvidar da sua atribuição ao Paleolítico, a proveniência crono-estratigráfica é ainda incerta, podendo ser o NA5 ou o NA4b. No estado actual dos trabalhos, todos os fragmentos de xisto exumados na Buraca Grande, provêm do Solutrense o que pode tornar-se em argumento a favor de uma atribuição mais precisa. No entanto todos os fragmentos têm uma superfície extremamente reduzida.

## CONCLUSÃO

Para concluir diremos que estamos certos de que os resultados das análises em curso, antracologia, (I. Figueiral), malacologia, (P. Callapez), paleontologia, (J. L. Cardoso), sedimentologia e geologia (A. F. Soares) e das datações (Laboratório de Gif sur Yvette) nos tragam novos dados e elementos de discussão sobre as modadidades de ocupação das duas cavidades em escavação, bem como das estratégias de exploração do meio ambiente.

Por outro lado, são neste momento indispensáveis, a uma compreensão mais aturada dos fenómenos, os resultados das prospecções que venham a aumentar o número de jazidas de ar livre.

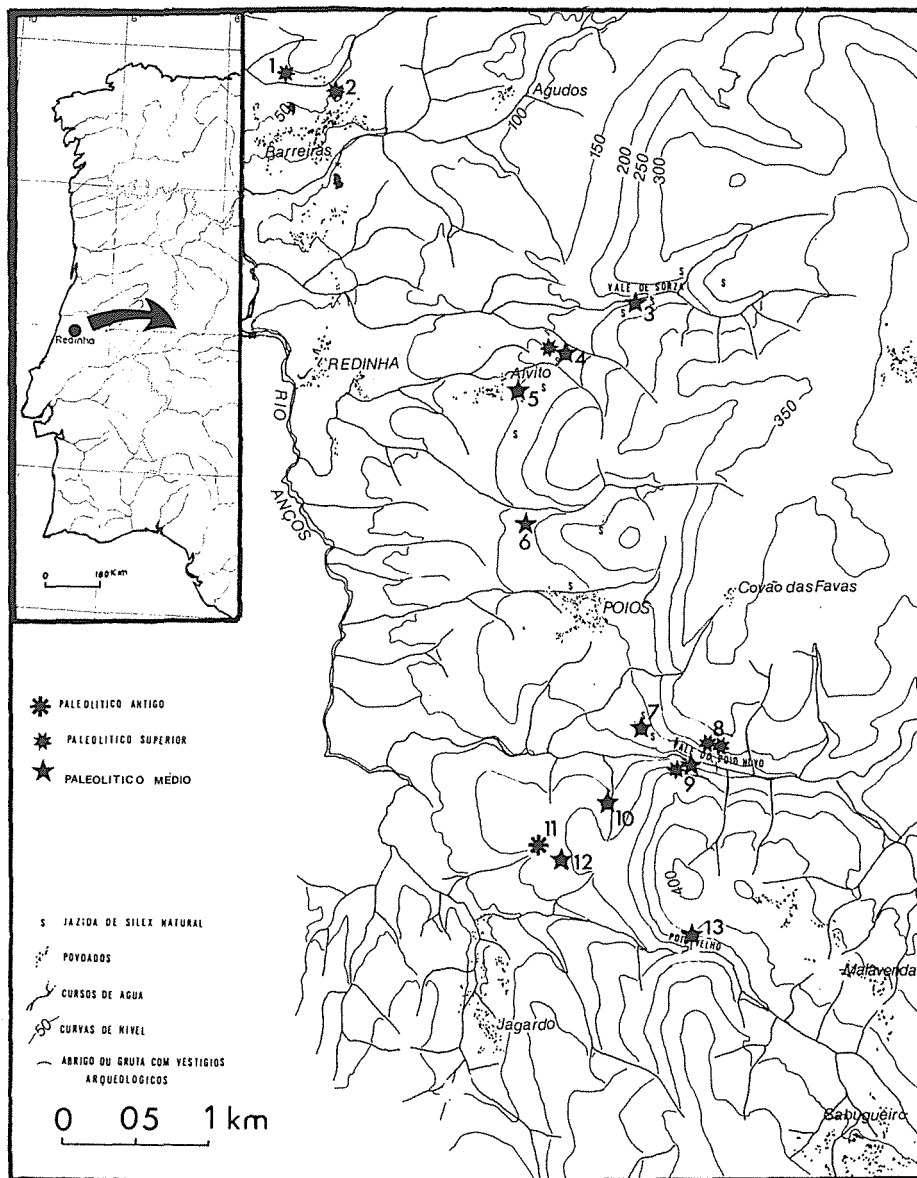
## AGRADECIMENTOS

Expressamos a nossa gratidão à Associação de Defesa do Património Cultural de Pombal, por todo o apoio prestado e que tornou possível a realização deste trabalho.

O nosso agradecimento vai também para os nossos colaboradores durante as escavações.

## BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, T.; MOURA, M.H. (1990) - Redinha (Pombal). Subsídios para a carta arqueológica da freguesia. *Conimbriga*, 29, pp. 5-37.
- AUBRY, T.; MOURA, M. H. (1993) - Plaquinha de xisto com gravuras paleolíticas. *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural de Pombal*, s/ nº, pp.13-17.
- AUBRY, T.; MOURA, M. H. (s.d.) - Nouvelles données sur les occupations paléolithiques de la Serra de Sicó. Com. na "3ª Reunião do Quaternário Ibérico" Univ. de Coimbra, 27 Set. a 1 Out. 1993.
- AUBRY, T., MOURA, M. H.; ZILHÃO, J. (s.d) - Dados preliminares sobre as sequências estratigráficas da Buraca Grande do Vale do Poio Novo (Redinha). *Memórias e Notícias*, Pub. do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra.
- CORCHÓN RODRIGUEZ, S. (1986) - *El arte mueble paleolítico cantabrico. Contexto y analisis interno*. Centro de Investigación y Museu de Altamira, Monografía nº 16.
- CUNHA, L. J. S. (1988) - *As Serras calcárias de Condeixa- Sicó-Alvaiázere. Estudo de Géomorfologia*. Dissertação de Doutoramento em Geografia Física, F. L. U. C.
- DELGADO, J. F. N. (1867) - *Estudos geológicos. Da existência do Homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas. Primeiro opúsculo: Notícias à cerca das grutas da Cesareda*. "Memórias de Comissão Geológica de Portugal".
- MOURA, M. H.; AUBRY, T. (s.d) - Pré-História recente da Serra de Sicó. *I Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto, 12-18 Out. 1993.
- PERLÈS, C. (1976) - Le Feu. *La Préhistoire Française* (dir: H. de Lumley) p. 679-683.
- POVOAS, L.; ZILHÃO, J.; CHALINE, J.; BRUNET-LECOMTE, P. (1992) - La faune de rongeurs du pleistocène supérieur de la Grotte de Caldeirão (Tomar, Portugal). *Quaternaire*, 3, (1), 1992, pp.40-47.
- RIBEIRO, J. P. C. (1982) - A indústria lítica da gruta do Ourão (Redinha, Pombal). Notícia preliminar. *Arqueologia*, nº 5, pp.27-31.
- ROCHE, J. (1951) - Le niveau paléolithique supérieur de la Grotte de Casa da Moura (Cesareda). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 32, pp.103-122.
- VILLAVARDE, V.; MARTI, B. (1981) - *Paleolític i Epipaleolític. Les Societats Caçadores de la Prehistòria Valenciana*. Servei d'Investigació Prehistòrica de la Diputació de València, Valencia.
- ZILHÃO, J. (1987) - *O Solutrense da Estremadura portuguesa: uma proposta de interpretação paleo-antropológica*. "Trabalhos de Arqueologia", nº 4, I.P.P.C.
- ZILHÃO, J. (1992) - *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. "Trabalhos de Arqueologia", nº 6, I.P.P.A.A.R.
- ZILHÃO, J.; MARKS, A.; BICHO, N.; FERRING, C.R.; FIGUEIRAL, I. (s.d.) - Cronoestratigrafia do Paleolítico Superior Português. *I Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto, 12-Est. I*. — Carta das jazidas paleolíticas da Redinha.



Carta das jazidas paleolíticas da Redinha.

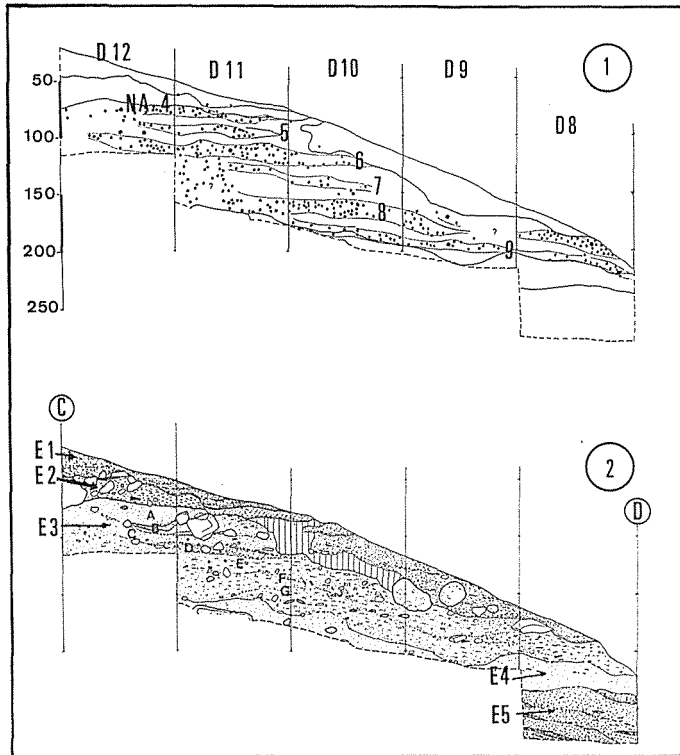


Fig. 1 — Buraca Escura, corte longitudinal D12-D8. 1 — Níveis Paleolítico medio. Projecção horizontal dos objectos cotados, provenientes da banda de 50 centímetros situada a Este. 2 — Corte estratigráfico.

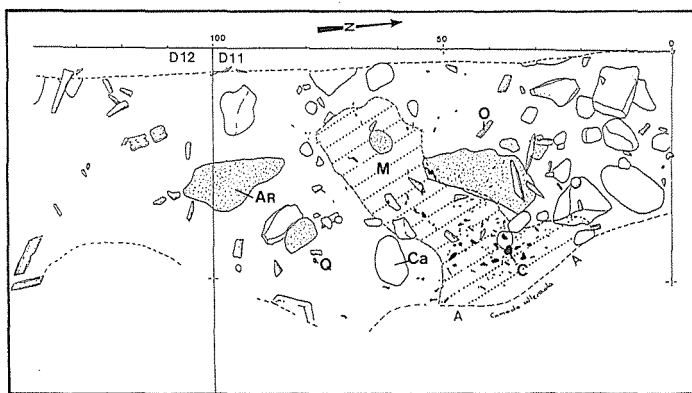


Fig. 2 — Buraca Escura. Desenho das decapagens de profundidades compreendidas entre 108 e 116 centímetros abaixo da cota 0. Ca = calcário, O = osso, C = carvão, M = mancha de carvões, Q = detritos de quartzo, A = limite da camada alterada, AR = areia concrecionada.

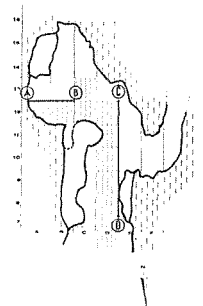


Fig. 3 — Buraca Escura. Planta da gruta e área escavada.

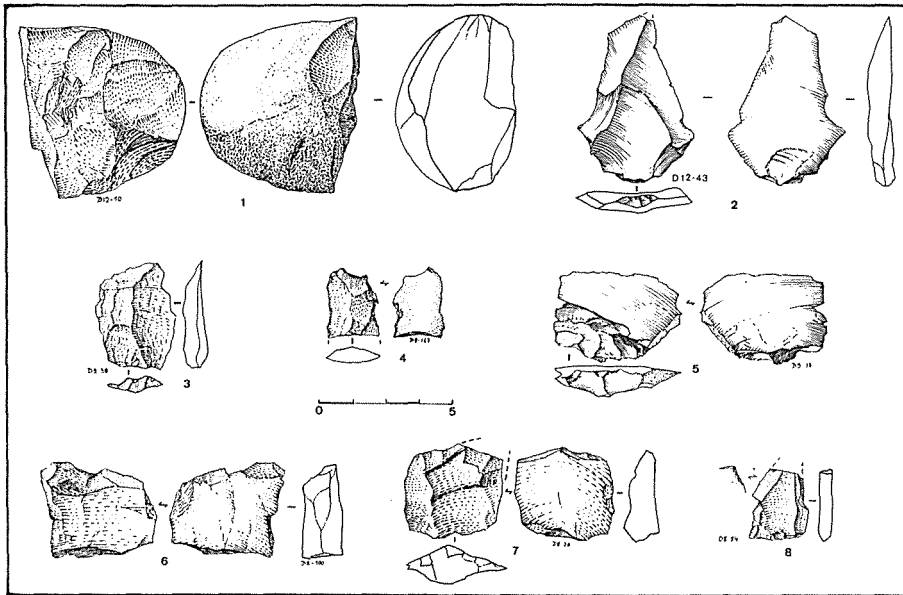


Fig. 1 — Buraca Escura. Indústria lítica do Paleolítico medio. n° 1: NA4, n° 2: NA5, n° 3 e 4: NA9, n° 5, 6, 7, 8: NA8.

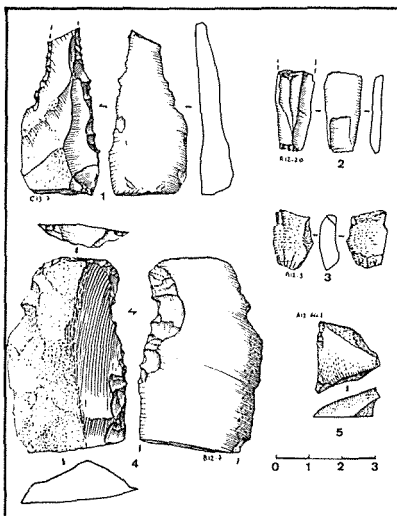


Fig. 2 — Buraca Escura. Indústria lítica do Nível Arqueológico 2.

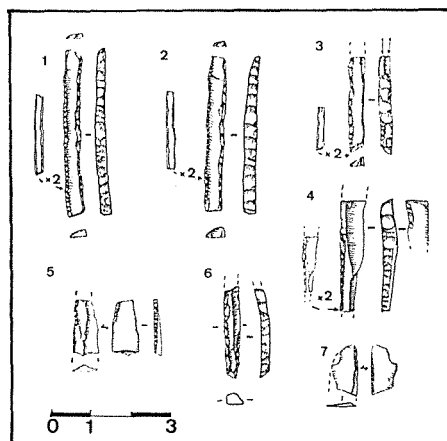


Fig. 3 — Buraca Escura. Indústria lítica do Nível Arqueológico 3.

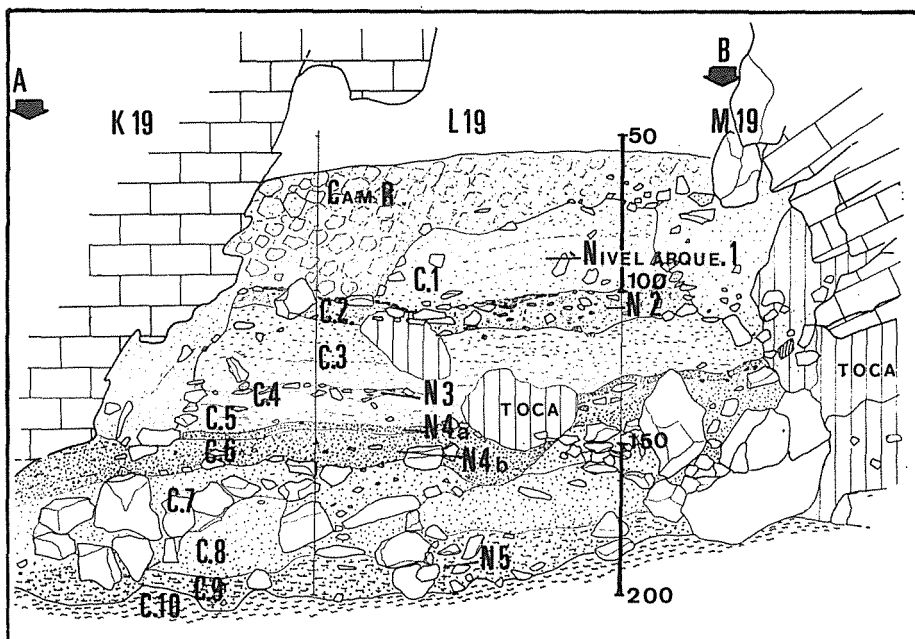


Fig. 1 — Buraca Grande. Corte sagital K19 - M19. C = conjunto sedimentológico, N = nível arqueológico.

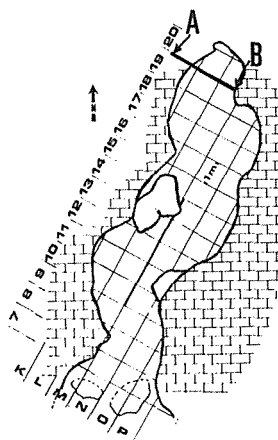


Fig. 2 — Buraca Grande. Planta da gruta, à superfície do enchimento.

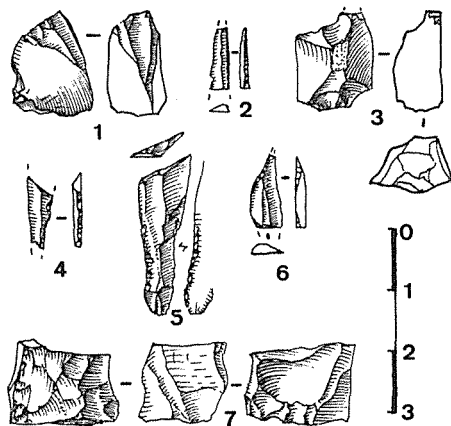


Fig. 3 — Buraca Grande. Indústria lítica do nível arqueológico 4 b.



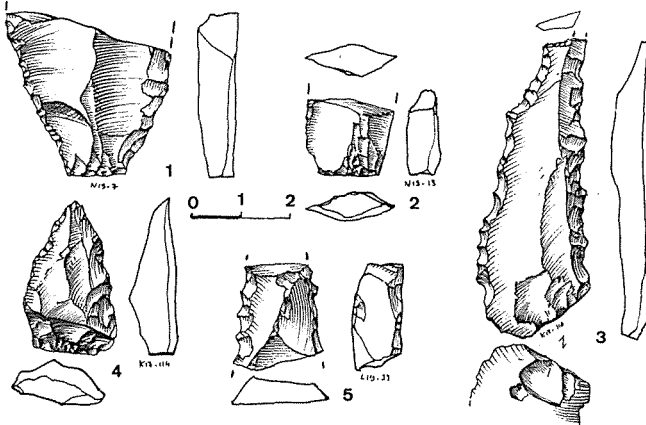


Fig. 1 — Buraca Grande. Indústria lítica do nível arqueológico 5 b.  
Pontas de tipo Vale Comprido.

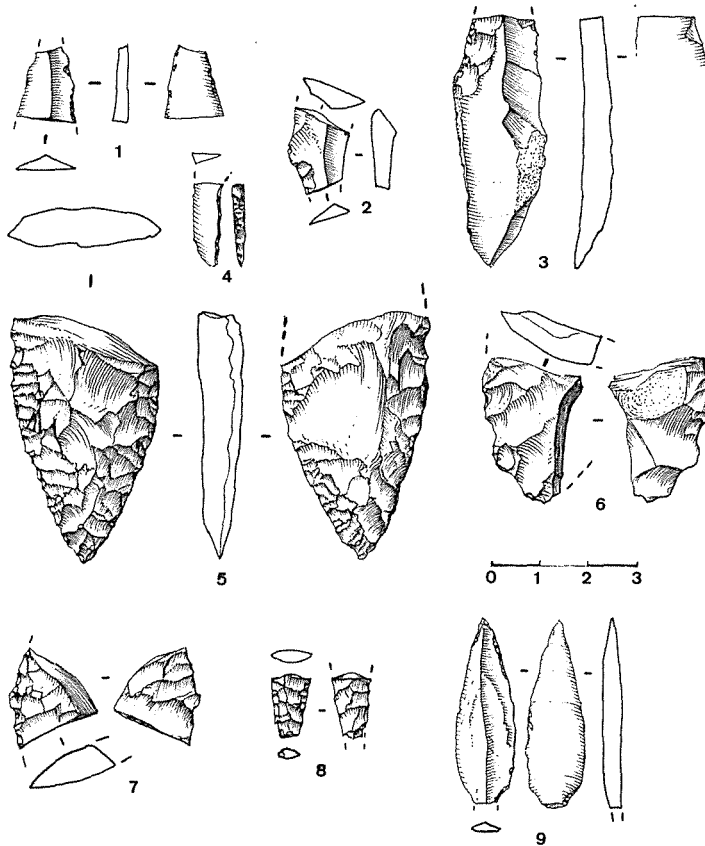
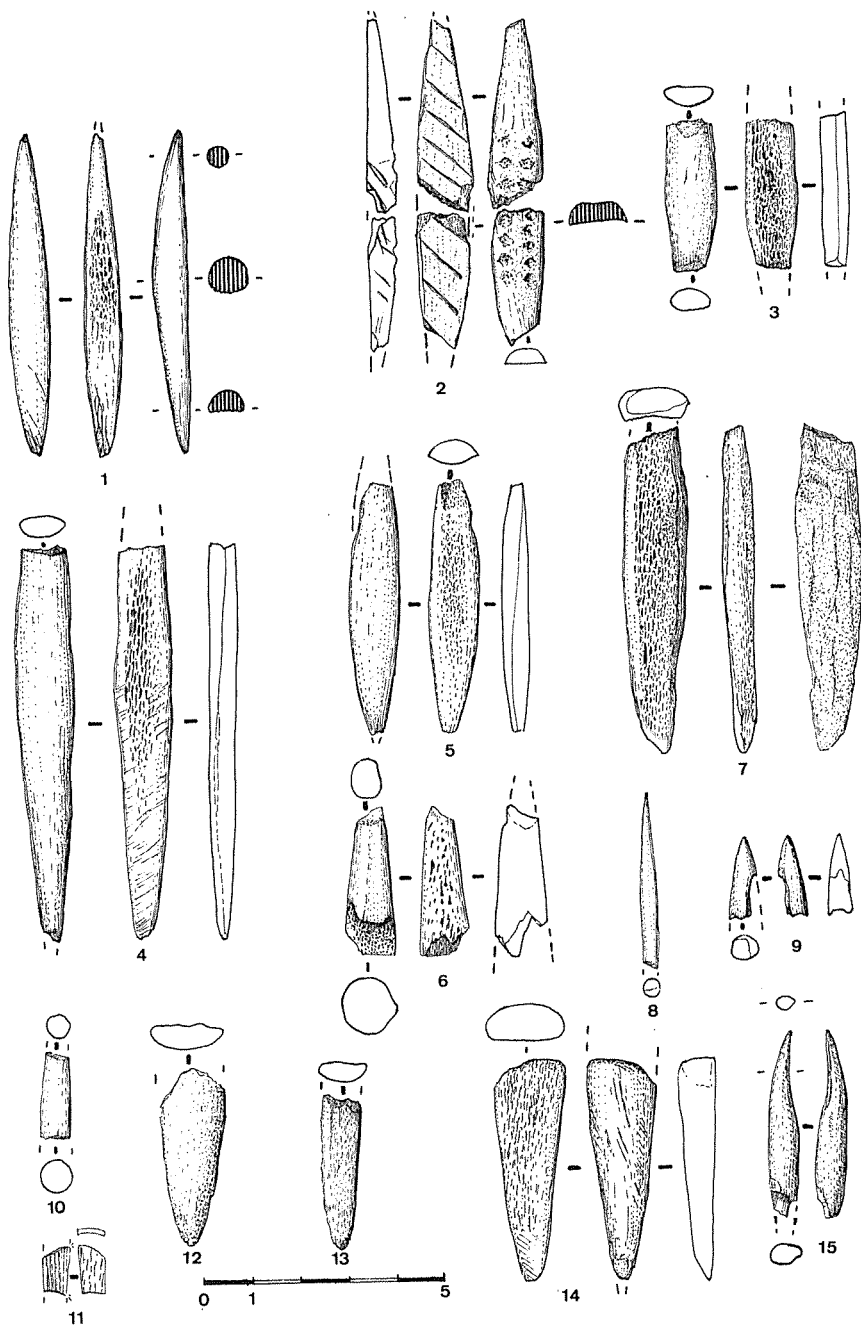


Fig. 2 — Buraca Grande. Grupo solutense, indústria do nível arqueológico 5,  
excepto peça nº 8 proveniente do conjunto 8.



Buraca Grande. Indústria óssea.